

Arte ótica ganha tributo de Vik Muniz

Artista é curador de "Buzz", que tem peças de modernistas como Duchamp e do contemporâneo Olafur Eliasson

Mostra no Roesler Hotel reúne mais de 70 obras que têm como base o questionamento da percepção visual

CASSIANO ELEK MACHADO
DE SÃO PAULO

Vik Muniz, 51, defende que o humor e a ilusão de ótica são primos de primeiro grau. "Ambos se apoiam numa estrutura lógica que, de repente, desmorona, deixando o interlocutor sem chão", diz o artista paulistano.

Mas a ilusão de ótica leva vantagem. "A piada não tem graça quando contada pela segunda vez. As ilusões de ótica podem ser vistas quantas vezes quisermos e elas continuam funcionando."

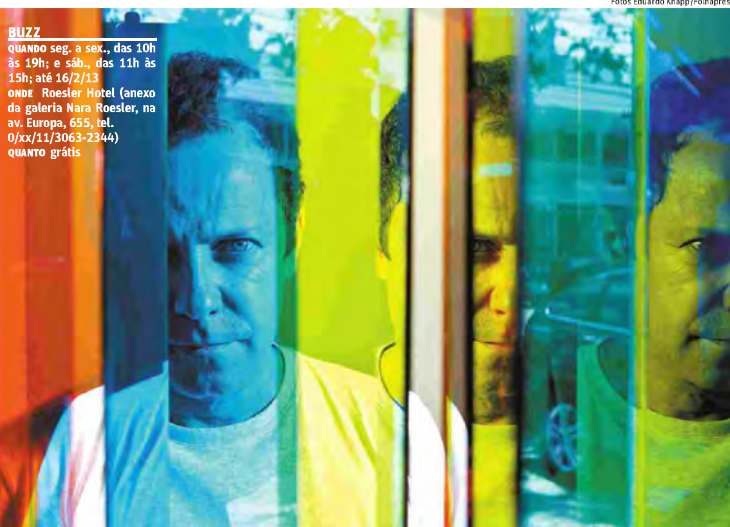
Muniz aponta para uma pintura de 1952 de Geraldo de Barros e diz: "Olha aí uma prova concreta disso".

Ele não está de brincadeira. Curador da exposição "Buzz", aberta no sábado (1) para convidados, ele reuniu nela uma seleção impressionante de obras da chamada op art, ou arte ótica.

A mostra, em cartaz no Roesler Hotel, espaço anexo à galeria Nara Roesler, voltado para mostras coletivas de arte internacional, é composta por 74 peças.

Não é uma seleção ortodoxa. O termo op art apareceu pela primeira vez num artigo da revista "Time" em outubro de 1964. E em torno de seu "cerca-dinho" acabaram ficando alguns artistas que empregaram fenômenos óticos com a finalidade expressa de confundir os processos da percepção. É o caso de pintores como o húngaro Victor Vasarely (1906-1997) e da britânica Bridget Riley, 81.

Trabalhos destes expoentes fazem parte de "Buzz". Mas nesta, que é sua primeira grande curadoria em território brasileiro, depois de mais de 15 delas no exterior,



Vik Muniz, curador da mostra "Buzz", em São Paulo, visto através de uma obra do artista venezuelano Cruz-Diez

Muniz selecionou pinturas de mais de uma dezena de artistas que não fazem tradicionalmente parte dessa taxonomia. É o caso de pioneiros da arte abstrata geométrica no Brasil como Ivan Serpa e Waldemar Cordeiro.

Ou de mestres da arte moderna como Marcel Duchamp (1887-1968), de quem a mostra "Buzz" exibe uma obra da série Rotoreliefs, de 1935, emprestada de um museu de Chicago (EUA).

Muniz argumenta que a arte ótica é o único gênero de arte moderna que não teve quebras ao longo da história. Atravessou guerras, modismos e é feita até hoje.

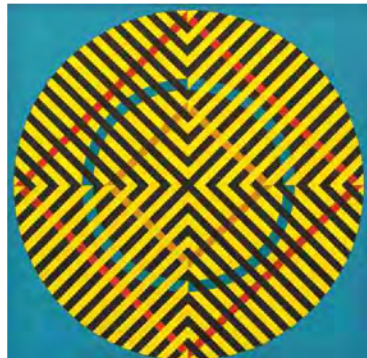
Grandes estrelas da arte contemporânea, como Anish Kapoor e Olafur Eliasson (de quem "Buzz" também exibe

uma obra), usam elementos óticos como base de seus trabalhos, lembra Muniz, para quem o "op" também é o primeiro movimento realmente internacional.

Embora não trabalhe especificamente com a abstração, característica comum à maior parte dos selecionados para a exposição, como artista o próprio Muniz gosta de desafiar a percepção visual dos espectadores.

"Toda a base do meu trabalho é perceptual. Minha motivação para fazer arte é o intercâmbio com o observador", afirma. "Sou fascinado pelo 'gimmick', pelo artifício, que vem desde Giotto."

Mostra de galeria com parte de exposição de museu, "Buzz" não é piada. É ilusão de ótica no seu melhor.



"Iridescent trusses", obra de Israel Pedrosa em cartaz na 'Buzz'

CRÍTICA ARTES VISUAIS

Uruguio dá forma a questionamentos do mundo da arte em obras interativas

FABIO CYPRIANO
ENVIADO ESPECIAL A MONTEVIDÉU

O artista uruguio Luis Camnitzer, 75, um dos precursores da arte conceitual na América Latina, está em cartaz em sua terra natal, no Museu Nacional de Artes Visuais, com a maior retrospectiva sobre sua carreira.

Organizada em 2010, no Daros Museum, em Zurique, na Suíça, pelos curadores Hans-Michael Herzog e Katrin Steffen, a mostra já foi vista em instituições da Colômbia, do México, do Canadá e dos Estados Unidos.

A exposição segue para o Chile e o Paraguai e deve concluir sua itinerância no Rio, na Casa Daros, que inaugura sua filial carioca no dia 23 de março do próximo ano.

A data da retrospectiva no Rio ainda não está definida. Em cada local, dependendo do espaço, ela se transforma. No Uruguio, reúne 59 obras, a maioria da própria Daros, a grande colecionadora de obras do artista.

Radicado nos Estados Unidos desde 1964, Camnitzer saiu do seu país motivado pelo recrudescimento do regime político, o que, de certo modo, foi importante na transformação de sua poética.

"Em Montevidéu, eu fazia gravuras expressionistas, mas ficava entediado porque sempre sabia o que ia surgir [delas]; então, nos EUA, fui trabalhar com palavras, que se desdobram em ima-

gens", disse o artista à **Folha**. Uma das obras emblemáticas dessa passagem, incluída na mostra em Montevidéu, é a instalação "Living Room" (sala de estar), criada em 1969: em um espaço branco, palavras como mesa ou almofada ocupam as paredes e o chão, levando o visitante a imaginar a sua própria sala de estar.

Fazer com que o espectador complete a obra do pró-

prio artista é uma das principais características da arte conceitual.

QUESTIONAMENTOS
Outra de suas marcas é o questionamento do sistema da arte, o que Camnitzer faz em muitas das obras na mostra ao abordar sua própria assinatura.

Afinal, a assinatura é sempre o que acaba atribuindo valor a uma obra, dando seu

atestado de originalidade e de autenticidade.

Camnitzer, em "Autoserviço", permite que o visitante carimbe sua assinatura em folhas com frases como "Uma assinatura é ação, duas assinaturas são transação", criando originais a partir de modelos de reprodução.

"Todo meu trabalho diz respeito ao poder e a como distribuí-lo", resume o artista. A exposição fica em cartaz, em Montevidéu, até 10 de fevereiro de 2013.

O jornalista **FABIO CYPRIANO** viajou a convite da Casa Daros Rio.

LUIS CAMNITZER
AVALIÇÃO bom

Coleção Daros vai se instalar no Rio em 2013

DO ENVIADO A MONTEVIDÉU

A inauguração da Casa Daros refaz a transferência da corte portuguesa para o Brasil, em 1808, que transformou a colônia em sede do reino. Considerada uma das melhores coleções de arte contemporânea latino-americana, a Daros, baseada em Zurique, fechou sua sede expositiva, o Daros Museum, com a perspectiva da abertura da sucursal carioca.

"O novo espaço precisa de atenção e por isso achamos melhor dar prioridade a ele", conta a curadora Katrin Steffen.

Coincidentemente, a sede carioca está sendo instalada num edifício neoclássico de 1819, ano em que a corte portuguesa ainda residia no Brasil.

O prédio foi adquirido em 2006 e, desde então, passa por um complexo e esmerado processo de restauração, com projeto inicial do arquiteto Paulo Mendes da Rocha e, desde 2008, sob os cuidados do escritório Emani Freire.

A Daros organiza exposições itinerantes de alguns de seus 116 artistas representados na coleção com cerca de 1.100 obras. É o caso da mostra do uruguio Luis Camnitzer, em cartaz em Montevidéu.

Por ano, ela cede cerca de 250 obras a mostras organizadas por outras instituições. (FB)

Exposição no MoMA mostrou que opera pop

DE SÃO PAULO

Criado em 1929, pouco depois do "crash" da bolsa local, o Museu de Arte Moderna de Nova York só teve sua primeira exposição de grande público em 1965. Foi "Responsive Eye" (olho receptivo), uma das mostras mais importantes da história da op art. "Dezenas de milhares de pessoas já vieram", diz em tom grave o jornalista Mike Wallace em documentário sobre a exposição feito em 1966 por um estreante Brian de Palma.

O filme, que é exibido na mostra "Buzz", comprova uma das teses de Vik Muniz sobre a arte ótica.

"É uma das artes mais acessíveis. Qualquer um gosta, independentemente de sua formação."

A Bienal de Arte de São Paulo teve algumas comprovações disso.

Na edição de 1996, por exemplo, o predileto do público, com 37% dos votos, foi o venezuelano Jesús Soto. Tanto ele quanto o outro grande pioneiro venezuelano da arte op, Carlos Cruz-Diez, estão representados em "Buzz".

A mostra também traz obras de precursores nacionais (e mundiais) no gênero, como Abraham Palatnik (1928) e Almir Mavigner (1925).

Este último, radicado desde os anos 1950 na Alemanha, foi o único brasileiro a participar de "Responsive Eye", no MoMA. "São dois gênios da arte brasileira, ainda sem o crédito adequado", diz Vik Muniz. (CEM)

É HOJE!



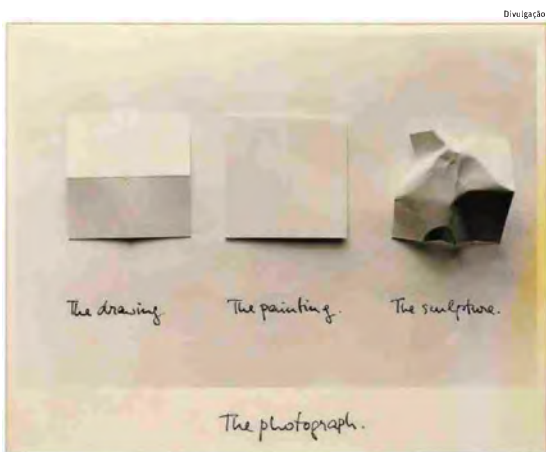
LITERATURA
TOM JOBIM - HISTÓRIAS DE CANÇÕES
QUANDO 18h30
ONDE Livraria Cultural - Conjunto Nacional (Av. Paulista, 2.073)
QUANTO grátis

Lançamento do livro que conta a trajetória do músico a partir de curiosidades sobre composições como "Chega de Saudade"



TEATRO
POETRY SLAM ZAPI
QUANDO 20h
ONDE Sesc Pompeia (Rua Clélia, 93, tel. 0xx/11/3871-7700)
QUANTO grátis

O campeonato de poesia falada começa com a apresentação Microfone Aberto, em que todos podem recitar poesias próprias ou de outros autores. A atriz Roberta Estrela D'Alva (foto) é uma das organizadoras.



Obra "The Photographer", do artista Luis Camnitzer, em cartaz em mostra no Uruguai